

TRADUÇÃO DE POEMAS DE ADRIANA LISBOA PARA O CHINÊS: UMA BREVE REFLEXÃO

Lili Han¹

¹Universidade Politécnica de Macau

Adriana Lisboa é uma escritora brasileira nascida em 25 de abril de 1970. É autora de sete romances e também publicou poesia, contos, ensaios e livros infantis. As suas obras, originalmente escritos em português, foram traduzidas para mais de uma dúzia de idiomas e publicadas em importantes revistas literárias, demonstrando seu talento como escritora em diversos gêneros. Com um portfólio literário diversificado e a capacidade de cativar leitores de diferentes culturas e línguas, Adriana Lisboa é, sem dúvida, uma figura proeminente na literatura contemporânea brasileira. Seu trabalho continua a encantar e ressoar com um público global.

Aqui estão informações sobre alguns dos livros de poesia de Adriana Lisboa: *O Vivo*, publicado no Brasil em 2021 pela editora Relicário; *Deriva*, publicado no Brasil em 2019 pela editora Relicário; *Equator* (Poemas selecionados), publicado na Índia em 2019 pela editora Poetrywala; *Pequena Música*, publicado no Brasil em 2018 pela editora Iluminuras e *Parte da Paisagem*, publicado no Brasil em 2014 pela editora Iluminuras. Essas coleções de poesia oferecem uma visão do talento literário de Adriana Lisboa e abordam uma variedade de temas e estilos poéticos. A sua poesia reflete a sua habilidade em expressar emoções, pensamentos e observações de forma poética, e merece ser explorada por aqueles que apreciam a poesia contemporânea.

Selecionamos a coleção *Parte da Paisagem* (Lisboa, 2014) com projeto de tradução de português para chinês. Esta coleção é ca-



racterizado por uma abordagem sensível e complexa. Seus poemas exploram a dualidade de experiências humanas, alternando entre momentos de recolhimento e exposição, concentração e dispersão. A poesia de Lisboa revela uma abertura inquieta que frequentemente culmina em um espanto diante do quase indizível, reconhecendo que as palavras são apenas resíduos daquilo que transcende a expressão. Aliás, os poemas dela são marcados por uma apreciação pela ambiguidade, explorando o conceito de “quase” em muitos aspectos da vida. O estilo de Lisboa explora o equilíbrio delicado entre corpo e alma, onde ambos estão à beira de cair, destacando a profundidade das experiências humanas.

Considerando a maestria na exploração de imagens vívidas e metáforas desta coleção, a tradução tem se esforçado em preservar o sentimento poético para capturar a complexidade da vida, do tempo e da memória, permitindo que os leitores chineses apreciem a profundidade e a beleza das palavras escolhidas por Adriana Lisboa. Na tradução de “peixe”, “túnel”, “nó”, “cartola” e outras imagens, a tradutora utiliza as mesmas imagens, porém reforçando a sua associação com as referências metafóricas posteriores que remetem a essas imagens, como “almas úmidas” para “peixe”, “vaga ideia de liberdade” para “túnel”, “arremate” para “nó”, “mágico” para “cartola”, a fim de recuperar as emoções e experiências abstratas que se projetam sobre esses objetos concretos do mundo físico (Badiou, 2004).

Por outro lado, os poemas intitulados “Papeleria União”, “Museu das Relações Desfeitas”, “Ermo” e “*Blue Sunday*” apresentam uma narrativa espaço-temporal passada em que se acontecem as memórias. A tradução desses poemas, em vez de ser apenas a transmissão de significado, trabalha mais a sua narrativa, aparentemente objetiva e afastada, por meio de “cadernos” (em “Papeleria União”), “fotos” (em “Museu das Relações Desfeitas”), “câmaras” (em “*Blue Sunday*”) ou “esse lugar” (em “Ermo”), numa tentativa de capturar os reais tons dos versos e revelar a sua estética poética na língua de chegada (Venuti, 2011; Sun, 2016). O processo de tradução envolve uma abordagem cuidadosa e sensível para

preservar a essência poética da obra original de Adriana Lisboa ao traduzi-la para o chinês, buscando não apenas transmitir imagens, mas também preservar a atmosfera poética e as nuances específicas de cada poema, enriquecendo a experiência do leitor chinês ao explorar a obra de Adriana Lisboa.

ARTE DA PAISAGEM

Adriana Lisboa

部分风景
(巴西)阿黛丽安娜·里斯本

Tradução: Han Lili

翻译: 韩丽丽

PESCARIA

com Clarice

Como nas festas juninas da infância
quando pescávamos peixes de papel
na areia, e prêmios nos peixes:
lançar-me isca à pescaria
do poema
no poema
mesmo que ele seja como a alma úmida do peixe vivo
que a real pescaria desmente.

FRESTA

Pense na poesia
como o dedo cavando a fresta onde
há ainda uma pequena chance,
algo semelhante à colher numa cela
de presídio investindo contra
o chão de barro: um túnel,
a vaga ideia de liberdade.

垂钓

— 与克拉丽斯为伴

像童年六月间节日
我们在沙滩上钓纸鱼
鱼中有奖:
我抛饵去钓诗
诗是鱼湿漉的灵魂
真实的垂钓矢口否认

罅缝

琢磨诗
如手指掰抠罅缝
还有一丝渺小的机会
如狱中以勺挖泥地
一条隧道
模糊的自由

PALAVRA

Esqueça a palavra –
ela não tem graça alguma,
serve só para isto:
acercar-se do silêncio
e se resumir num ponto.
Serve só enquanto testemunha
da própria ineficiência.
Esqueça:
pense no nó do arremate
antes que a linha se corte,
use da palavra apenas
seu grau de sugestão de vida
(mesmo sendo ela o índice de sua própria morte).

PAPELARIA UNIÃO

Era onde eu comprava os meus cadernos.
O centro da cidade era o nosso quintal.
Você fotografava os gatos e
os cartazes nos postes de luz da Cinelândia.
Havia em nós uma modéstia
quase arriscada, quase
imodesta. De muito pouco
dependia a nossa sobrevivência: tempo,
música, filmes. Ruas de paralelepípedos.
Por sugestão sua,
eu comprava os meus cadernos
na Papelaria União. Anotava
ali nosso futuro em versos
verdes, numa confiança irrefletida.
Não notava a prudência
clarividente das folhas já amareladas,
de outono, de antemão.

话语

忘掉话语吧
她有什么好处
只会在沉默下
畏缩一隅
只会目睹自身的软弱无力
忘掉吧：
断绳前
想下死结
只用话语给生命建议
(哪怕是自我死亡索引)

联合文具店

我在这里买过本子
市中心—我们曾经的后院
你给猫拍过照
也拍过电影院灯柱上的海报
我们曾经谦卑
些许不羁放纵
我们的生存，微乎其微：
时间、音乐、电影
碎石街道
听你的建议
我在这里买下本子
以不假思索的信心
书写我们的未来
句句清新
从没留意到，那些已泛黄
的内页
曾经沧海的谨慎

MUSEU DAS RELAÇÕES DESFEITAS

Da primeira ficou uma foto rasgada ao meio
e a letra da balada de rock,
pingando açúcar e drama.
Mais tarde foram os livros estúpidos
que compramos juntos e nunca lemos,
nem juntos, nem separados.
Poderia mandar tudo isso
ao Museu das Relações Desfeitas, em Zagreb,
e também o telefone roído pelo cachorro,
a flauta, a Missa de Stravinsky, essas bagatelas
de confessorário (teve gente mandando
algemas de pelúcia, um cavalinho de cristal
e até um anão de jardim). Poderia mandar
o inferno ao museu, e as dedicatórias escritas
nos livros de outras pessoas.
Só não há como meter num frasco
este par de mãos frias, não há como registrar
no correio, rumo a Zagreb, o nó cego
em que você torceu a minha garganta – este nó
de marinheiro, este amor expatriado
a milhas de qualquer porto seguro,
digno demais
para se apaziguar em acervo de museu.

爱情不果博物馆

第一件是撕成两半的照片
和摇滚民谣歌词
点滴的甜美往事
然后是我们一起买的
从未一起读过、也未独自
读过的
愚蠢的书本可以把一切都
寄往萨格勒布的爱情不果
博物馆
也寄去被狗咬过的手机、
长笛
斯特拉文斯基的弥撒曲和
那些忏悔者的琐物
（有人寄过毛茸手铐、
水晶马
甚至一只侏儒哥布尔）
本可以把愁苦寄去博物馆
也寄去在别人书本上写的
献词
但是没有办法把这双冰冷
的手放入罐子
没有办法在邮局登记
寄往萨格勒布
你拧在我喉咙上的死结
儿—
一个水手结儿
一份已被遣返的爱情
远离任何一个避风港
还没尊贵到
能够在博物馆香消玉陨

BLUE SUNDAY

Não me lembro se foi on a blue Sunday,
como cantava Jim Morrison em nossos ouvidos.
Nem sei quantos atalhos tomamos, depois –
o herói de Truffaut é hoje um cara sério,
e nós, que o conhecemos
da época dos nossos quatre cents coups,
das nossas tardes sem nenhuma urgência
debruçados sobre o Rio, em meio aos turistas,
envelhecemos também. Sei que não disparam
os alarmes por nós: não somos nem mesmo
vaga ameaça. Mas nesse oco mal vedado
que ficou, sigo mendicante,
e carrego meias-luas sob os olhos
enquanto aguardo os tempos mais brandos
anunciados na canção.

蓝调星期天

记不清是否在一个蓝调星期
天
吉姆 莫里森在我们耳边
轻唱
不知道我们走了多少快捷
方式—
然后：特吕弗的男主角今
天一脸严肃
对他的认识
是透过四百个特写镜头
在慵懒的午后
我们俯视里约
跟随周围的游客一起老去
我知道没人注意我们的警
告：
我们甚至构不成
模糊的威胁
但在特吕弗主角的虚无时
空
我卑微随行
不休不眠
同时守候最缓慢的时光
在歌声中回放

A NOSSA OUTRA CHANCE

A nossa outra chance
mora na cartola de um mágico
empenhado em entreter as
criancinhas (os adultos já deixaram
de afiançá-lo há muito).
O mágico saca alvíssimas pombas
que adejam essa paz por nós nunca
selada – e são pombas de verdade, não
bichos torturados e quebradiços.
Saca dez cores amarradas em lenços
e mais dez, e outras dez, e continuaria
pelo tempo que lhe confiassem.
No país que há dentro da cartola,
essa nação de coisas honestas
e sem astúcia, tão certas de trazer
sentido a um mundo que já não faz nenhum,
mora a nossa outra chance.
Ali está ela, entre coelhos
e fogos de artifício:
a minha mão de novo
na tua mão.

我们的另一个机会

我们的另一个机会
住在魔术师的帽子里
努力娱乐小孩的魔术师
(成人早已不相信魔术)
变出洁白的鸽子
扑向和平
我们从未实现的和平
—鸽子是真实的
不是被折磨过、脆弱的生命

魔术师变出十条绑在一起的
各色手帕
又变出十条，然后又又是十
条
在被信任的时间中
他继续游刃

他的帽子里有一个国度
一切是诚实的
没有欺诈，确定要把意义
带给一个已经没有意义的
世界
我们的另一个机会
就住在兔子和烟花中间：
我的手重新
在你手中

ERMO

Você se lembra desse lugar
como se fosse ontem. O pesadelo desse lugar.
Seu corpo encolhido no próprio excesso,
brotando inábil dos seus pés
como um pinheiro num penhasco:
a última coisa verde admitida pela
altitude, pelo frio, pela rarefação do ar.
Seiva estranha à pedra – o que
deu na semente para tomar este rumo? O que
deu nela para nascer justo aqui, neste
ermo sem jardineiros nem alcalóides?
Neste inferno sem topiaria?

荒野

你记起那个地方
如昨日再现：噩梦之地
你臃肿的身躯已萎缩
脚长出愚钝
像悬崖处一棵松树：
海拔、寒冷以及稀薄的空气
承认的
最后的绿
让岩石陌生的力量—种子
从何而来？
又是什么让种子
在没有园丁没有生物碱的
荒野
不经修剪的地狱
生根发芽？

Referências

Badiou, Alain. “Language, thought, poetry”. In: Brassier, Ray & Toscano, Alberto (Eds.). *Theoretical Writings*. Londres: Continuum. 2004. p. 233-241.

Lisboa, Adriana. *Parte da paisagem*. São Paulo: Iluminuras, 2014.

Sun, Jingyi. “Cultural Image Compensation in Poem Translation from the Perspective of Gestalt Theory”. *Cross-Cultural Communication*, 12(9), p. 19-22, 2016.

Venuti, Lawrence. “Introduction: Poetry and Translation”. *Translation Studies*, 4(2), p. 127-132, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1080/14781700.2011.560014>

Recebido em: 08/11/2023

Aprovado em: 28/11/2023

Publicado em dezembro de 2023

Lili Han. Macau, China. E-mail: hanlili@mpu.edu.mo. <https://orcid.org/0000-0002-8995-2301>.